

DEMÔNIOS SOB O TRAVESSEIRO

Fernanda Suhet

“O nosso amor pelo dependente e a vontade de resgatar toda uma dignidade social têm que ser mais fortes que a ganância e a astúcia dos traficantes”

Daniel – Terceiro Ato

<u>DEMÔNIOS SOB O TRAVESSEIRO.....</u>	<u>1</u>
PRIMEIRO ATO.....	7
SEGUNDO ATO.....	17
TERCEIRO ATO.....	25

REFERÊNCIAS PARAMONTAGEM DE PERSONAGENS E CENÁRIO

D. Sílvia

Senhora entre 65 e 70 anos. Veste um vestido reto um conjunto de saia e blusa bem cortado que lhe cobre os joelhos. Sobriamente maquiada, transmite a imagem de uma senhora que envelheceu sem descuidar-se da aparência. Apesar da idade, seu olhar possui força, e ela está impregnada de uma coerência nos gestos e nas palavras que faz com que seja o contraponto racional na família de Marieta. Sua razão, entretanto, não é uma razão dura, mas uma razão calcada no amor. Pertence a uma geração onde a educação dos filhos passava necessariamente pela “boa educação” e pelo cumprimento das normas sociais. Correção e direção são os dois únicos valores que consegue enxergar na função “maternal”.

Marieta

Mulher de aproximadamente 45 anos, filha de D. Sílvia. Entra em cena igualmente bem vestida, como a mãe, mas sua maquiagem transmite a impressão de ser a mesma da manhã, já desgastada por um dia inteiro de trabalho. Tem olheiras profundas e sua expressão contrasta profundamente com a aparência bem cuidada das roupas. Ela parece forçar o corpo a se comportar com a dignidade da classe social a que pertence, mas seus olhos assustadiços transmitem profundas dores. Durante todo o tempo em que está no palco tem nas mãos, ou próxima de si, um copo que sugere uma bebida forte, como vocka, que periodicamente enche e/ou beberica. Em alguns momentos irá apresentar “sintomas de embriagues”, mas serão apenas momentos, porque logo que se dá conta de que está se comportando como “bêbada”, conserta o corpo e ajeita a roupa e o cabelo, como que para “manter a aparência” de mulher equilibrada que “sabe o que faz”.

Renata

Jovem de 16 anos, neta de D. Sílvia e filha de Marília. Entra em cena apenas uma vez. Veste uma calça extremamente justa, um top curtíssimo que deixa a barriga de fora, mas nada é rasgado. Está bem maquiada, com os olhos excessivamente delineados, como se fosse a uma festa. Os dois únicos traços físicos de agressão social que agregou a sua imagem foram um pearce e uma pequena mecha de cabelos coloridos. Em tudo ela deve parecer uma jovem normal que encontrável na saída de qualquer colégio de segundo grau. Até mesmo suas respostas irritadiças diante do inquérito da avó não deverão ser agressivos demais, apenas transmitindo a “irritação normal da juventude” diante da tentativa de controle familiar.

Daniel

Homem de aproximadamente 60 anos de idade vestido de jeans e camisa social. Tem o olhar cansado, como se tivesse sofrido muito, mas sua voz e sua atitude corporal transmitem força e determinação. Tem conhecimento profundo a respeito das implicações sociais e psicológicas do problema das drogas. Seu temperamento é meio impaciente em alguns momentos, mas é também extremamente compreensivo.

Túlio

Homem na faixa dos 30 anos, igualmente vestido com jeans e camisa social. Filho de Daniel e irmão mais velho de Geraldo. Calmo, centrado e tranquilo, é o ponto de apoio de Daniel quando este fica a ponto de perder a paciência. Mas sua existência na peça se justifica basicamente pelo fato de que é preciso mostrar uma família onde um dos filhos é equilibrado, enquanto outro – Geraldo – se põe a consumir drogas e a furtar, transformando-se em uma pessoa que a sociedade classifica de “marginal”.

Geraldo

Quando o Geraldo aparecer em cena já tem 23. As primeiras referências a ele são de um jovem que tinha uma estrutura familiar socialmente equilibrada e que, ainda assim, consome drogas e realiza furtos. Preso aos 19 anos, ficará quatro anos cumprindo pena e quando se encontrar com a D. Sílvia, no último ato, estará em “regime aberto”, pois conseguiu se livrar da acusação de tráfico ao fazer um acordo com o promotor, tendo sido julgado e condenado apenas pelos furtos e pelo consumo de drogas. Na verdade, ele e a namorada eram “aviões” quando foram presos e somente o fato de entregar os verdadeiros traficantes tornou o acordo com a Justiça possível. Em cena ele já será um rapaz “adicto” que ainda está concluindo sua recuperação frente a sociedade e a Justiça.

Bruna

Amiga de infância da Renata, íntima da família, e também usuária de drogas. Está vestida com um vestido curtíssimo, mas quase não tem maquiagem no rosto, quase como se quisesse passar despercebida. Não tem falas e só aparece em cena uma vez, juntamente com a amiga; mas tem grande importância na composição da história. No último ato será revelado que em algum momento entre o início e o final da peça ela desistiu de tentar se recuperar das drogas e cometeu suicídio. A colocação de um personagem que morre se justifica no fato de que os espectadores que não estão familiarizados com o combate às drogas não têm realmente noção de quantos jovens “normais” não conseguem sair do outro lado desse drama. As pessoas pensam que todos aqueles que dizem que querem sair realmente conseguem, mas quem convive com o problema sabe que nem sempre é assim. A referência à morte de Bruna trará um grande abalo para Marieta que só então irá compreender que se não lutar com todas as forças para salvar sua própria filha, também ela poderá se perder para sempre seguindo os passos da amiga e companheira.

Delegado

Homem de aproximadamente 40 anos, experimentado e já bastante calejado no combate às drogas. Não mais se deixa comover com o drama das famílias, não consegue mais enxergar o usuário como “pessoa com problemas”. Na verdade, para ele, o usuário é *o problema*. E ele tem consciência e convicção de que sua função é combater esse problema. No entanto, a despeito da falta de perspectiva psicológica, não é arrogante ou rude, principalmente com as duas mulheres – apenas não se deixa abalar porque uma possível sensibilização nesse nível poderia atrapalhar o desempenho de sua função como representante da Lei. Teoricamente é quase impossível que alguém não se comova diante das lágrimas desesperadas

de uma mãe, mas ele tem que carregar essa máscara da não comoção porque, no final das contas, até mesmo o mais cruel dos marginais tem uma mãe e se um policial, em qualquer ponto de sua carreira, não conseguir se manter frio e distante das dores maternais, não conseguirá cumprir seu papel.

Agente da Polícia Civil

Jovem de aproximadamente 25 anos, ainda no início de carreira. Não tem a experiência e a maturidade do delegado. Mas é contido por este e consegue se comportar a contento. Ele existe na peça apenas porque, na vida real, um Delegado jamais vai na casa de alguém, na busca de um delinqüente, desacompanhado – e há mesmo referência da existência de outros policiais fora da residência de Marieta.

PRIMEIRO ATO

A cortina se abre e o público encontra as duas senhoras em uma sala confortável com um jogo de sofás e poltronas no centro, um conjunto de cadeira e mesa de canto à esquerda, atrás do qual encontra-se uma mesa de jantar e uma porta que parece dar nas outras partes da casa. À direita, também ao fundo, fica a porta de saída da casa e o que parece ser uma janela para a rua. Todos os móveis são sólidos, sóbrios, sérios, quase “pesados”, nada de decoração colorida e moderna. A idéia a ser transmitida pelo mobiliário é de que nesta casa as pessoas são igualmente “sólidas, sóbrias, sérias e tradicionais”, perfeitamente cômicas de seus deveres e obrigações.

D. Sílvia está sentada em um dos sofás, bordando ou tricotando alguma coisa. Tem aos pés uma sacola ou cesta cheia de linhas e agulhas para trabalhos manuais. Marieta, sentada em uma cadeira, de pernas cruzadas lê uma revista semanal, faz anotações e beberica alguma coisa forte. Na mesinha de canto, ao lado de Marieta, há uma garrafa pela metade, um telefone, um abajur e o bloco de notas que ela está usando.

A iluminação reproduz a iluminação noturna de uma casa.

Assim que a cortina se abre, a ação começa com as jovens Renata e Bruna vindo de dentro da casa e se encaminhando para a porta de saída, despedindo-se de Marieta e D. Sílvia com um simples tchau, sem ao menos olharem para as duas senhoras. Marieta responde com outro tchau sem retirar os olhos da revista, mas D. Sílvia abandona o que está fazendo no sofá, levanta-se e vai em direção às jovens, para interpelar Renata a poucos passos da porta de saída.

D. SÍLVIA

- Aonde vocês vão?

RENATA

- Sair vovó, andar por aí?...

D. SÍLVIA

- Com quem?

RENATA

- Com uns amigos...

MARIETA

(Levantando os olhos da revista com um ar de enfado.)

- Ora, mamãe, deixe a Renata em paz!

D. SÍLVIA

- Deixá-la em paz?! Essa menina anda por aí sem dar satisfações de sua vida para ninguém e você quer que eu a deixe em paz?!

RENATA

(Assim que termina a palavra deverá estar fechando a porta atrás de si.)

– Tchauzinho...

D. SÍLVIA

(A exclamação indignada é seguida de um suspiro de resignação. Depois ela se vira para a filha e continua a falar, enquanto volta para o sofá e pega o seu trabalho.)

– Renata!!... Não sei como você pode ficar sossegada em casa enquanto essa menina andar por aí sozinha a essa hora da noite...

MARIETA

(somente agora ela retira realmente os olhos da revista e aproveita para encher o copo)

– Mamãe, em primeiro lugar ela não é mais uma *menina*, mas uma jovem de 16 anos. Em segundo lugar não é tão tarde assim, agora que são 11 horas. Os tempos são outros, esses jovens têm mais cabeça do que nós duas tínhamos em nossas épocas...

D. SÍLVIA

– Cabeça o suficiente para fazer bobagens bem maiores do que as nossas...

MARIETA

– Não diga bobagens a senhora! A Renata e a Bruna são duas meninas maduras para a idade delas. Sabem muito bem a diferença entre o certo e o que é errado. E elas têm mais é que sair mesmo, se divertir, encontrar os amigos, namorar...

D. SÍLVIA

– Esse é o problema: o namorado!

MARIETA

– Lá vem a senhora implicando de novo com o Geraldo. Ele é um ótimo menino!

D. SÍLVIA

– Pois fique sabendo que esse “ótimo menino”, como você diz, está levando sua filha para o mal caminho. O porteiro me contou...

MARIETA

– Ah, não! Essanão. Mal caminho, mamãe?! Só porque ele não se comporta como um senhor de 80 anos a senhora acha que ele está no “mal caminho”? Tenha dó!

D. SÍLVIA

– Tudo bem. Eu só espero que depois você não venha chorar nos meus ombros pela filha perdida...

(toca a campainha)

MARIETA

(abandona a revista e o copo, faz um gesto repreensivo para a mãe e vai abrir a porta)

– Agora chega, depois continuamos nesse assunto... Pois não?

DANIEL

– A senhora é a mãe da Renata?

MARIETA

– Sim, sou eu mesma e vocês?

DANIEL

(sem fazer conta da pergunta da mulher)

– Ela está?

MARIETA

(em um tom desconfiado)

– Não, saiu com uma amiga e o namorado. Mas quem é o senhor?

DANIEL

(fala com Túlio e seu tom é de desânimo e desespero contido)

– Era minha última esperança...

TÚLIO

– Calma, papai, quem sabe o Geraldo não faça nada pior...

MARIETA

(irritada)

– O que está acontecendo aqui? Quem são vocês?

DANIEL

– Senhora, meu nome é Daniel e eu sou o pai do Geraldo. Podemos entrar?

MARIETA

(confusa com a atitude deles)

– Claro, mas do que se trata?

(D. Sílvia abandona o trabalho em uma cesta pressentindo que alguma coisa está errada, levanta-se para recebê-los e depois senta-se em uma das poltronas enquanto eles sentam-se no sofá onde ela estivera)

MARIETA

– Sentem-se.

DANIEL

– Obrigado. Dona?...

MARIETA

Marieta, sem o dona...

(Durante toda trama, Daniel irá oscilar entre chamar Marieta pelo primeiro nome, ou como “Dona Marieta”, configurando ora uma tentativa de aproximação, ora uma colocação de “distância formal” entre eles.)

DANIEL

– Bem, Marieta, eu estou muito nervoso e vou direto ao ponto. O Geraldo e a sua filha Renata roubaram o carro do apartamento 605 no início da noite e a polícia está atrás dos dois.

MARIETA

(dá um pulo da poltrona)

– Como é que é?! O senhor está ficando maluco?

DANIEL

(também levanta-se bruscamente do sofá)

– Maluco?! Malucos são aqueles dois que...

TÚLIO

(levanta-se, segura o pai pelo braço e o faz sentar-se novamente)

– Calma, papai. É melhor o senhor não perder a cabeça. Deixa que eu falo.

MARIETA

– Isso é piada, só pode ser piada...

TÚLIO

– Infelizmente não, D. Marieta. O porteiro viu sua filha e o Geraldo arrombarem o carro. Primeiro ele pensou em chamar a polícia, mas como gosta muito do meu pai, correu para nos chamar. Nós não estávamos em casa e ele chamou o dono do carro. Mas já era tarde... eles já tinham sumido.

(faz-se um silêncio de alguns segundos. Na fisionomia dos personagens existe um misto de dor e incredulidade. Os ombros de Marieta, até então contraídos pelo diálogo tenso, caem, como se estivessem sendo arrastados para o chão, e ela se senta novamente, ou melhor, deixa-se sentar na poltrona. Túlio também se senta e observa a fisionomia das mulheres.)

MARIETA

(pergunta para Túlio, como se acordasse de um pesadelo)

– A que horas foi isso?

TÚLIO

– Por volta das nove horas.

MARIETA

– Mas a Renata acabou de sair com a Bruna!!

D. SÍLVIA

(fala enquanto encara primeiro a filha e depois o visitantes)

– Ela chegou as dez e saiu de novo agora há pouco.

MARIETA

(para a mãe)

– Como chegou as dez? Ela não estava em casa o dia inteiro?

D. SÍLVIA

(para a filha)

– Não. Aliás, há muito tempo ela não fica em casa o dia inteiro. E se você também não passasse o tempo todo na rua ou trancada no seu quarto já teria percebido isso...

MARIETA

– Mamãe, a senhora já sabia dessa loucura?!

D. SÍLVIA

(levanta-se bruscamente da poltrona e enquanto fala encaminha-se para a janela, como se quisesse olhar através dela. Desiste a meio caminho e volta para o centro da cena)

– Não!, claro que não! Acha que eu ficaria quieta enquanto sua filha rouba tranquilamente um carro?!

MARIETA

(levantando e aproximando-se da mãe)

– Mas então o que a senhora estava querendo dizer?...

D. SÍLVIA

(irritada)

– O que eu estou querendo dizer não!, o que eu estou *dizendo* há muito tempo é que sua filha não é mais a mesma “boa menina” que você sempre encheu a boca para apontar! O que eu estou *dizendo* há muito tempo é que esse namorado dela não vale nada e que ela também estava indo pelo mesmo caminho!

MARIETA

(olhando o Daniel que se levanta com um pulo do sofá e é segurado por Túlio)

– Mamãe!

DANIEL

– Só um momento, minha senhora...

TÚLIO

– Calma papai. Não vai adiantar nada ficarmos discutindo aqui. O senhor sabe muito bem que o que ela está dizendo não está tão longe da verdade assim...

DANIEL

(encaminha-se para D. Sílvia irritado e ainda seguro no braço por Túlio)

– Mas acontece, minha senhora, que a sua neta também não é nenhuma flor que se cheire!

MARIETA

– Eih! Você está dentro da minha casa!

DANIEL

(virando-se e empurrando o filho à sua frente enquanto fala com um tom que passa de irritado à irônico.)

– Isso mesmo. E já deu para perceber que foi um erro vir aqui. Passar bem, minhas senhoras.

(Elas se entreolham atônitas e não reagem à sua saída, mas quando ele abre a porta dá de cara com um Delegado e outro policial.)

DELEGADO

– Por favor, a dona Marieta está?

MARIETA

(adianta-se)

– Eu mesma.

DELEGADO

– Dona Marieta, estamos procurando sua filha, Renata.

MARIETA

– Ela não está.

DELEGADO

(virando-se para Daniel)

– O senhor é?...

DANIEL

– O pai do Geraldo.

DELEGADO

– Ah!, muito bom, assim conversamos com os dois pais ao mesmo tempo. Podemos entrar?

MARIETA

- Por favor. Sentem-se.

AGENTE

(para o Delegado)

– E o resto da equipe?

DELEGADO

– Eles vão nos esperar lá fora. Talvez os dois ainda estejam na área ou queiram voltar para casa.

(Todos voltam para a sala. Marieta e a mãe se sentam nas poltronas. Túlio, Daniel e o Delegado se sentam juntos em um sofá, enquanto o Agente fica sozinho no segundo sofá. Os policiais vão observando cada detalhe da casa enquanto caminham e trocam olhares significativos como se reconhecessem que aquelas pessoas não são de uma classe social inferior e estivessem dizendo entre si que aquela casa é uma casa hipocritamente “normal”.)

DELEGADO

(ele fala calmamente, como se aquilo não o interessasse de fato)

– Dona Marieta, posso ver por sua expressão que a senhora já foi informada do ocorrido...

MARIETA

(com a voz trêmula, controlando o choro)

– eu não estou acreditando que isso aconteceu...

DELEGADO

(olhando primeiro para as mulheres depois para Daniel, como se quisesse imputar-lhe maiores responsabilidades que às mulheres)

– Mas é verdade. Sua filha foi vista por mais de uma testemunha roubando um carro junto com o namorado. Ela é menor de idade, não é mesmo?

MARIETA

– Tem 16 anos. Ela é uma ótima menina, estuda, faz inglês, sempre tira notas boas... Nunca faltou a escola e mesmo se estivesse doente fazia questão de ir... eu não estou entendendo porque ela faria uma coisa dessas. Não consigo acreditar que minha filha, por livre e espontânea vontade fizesse uma coisa dessas.

(Ela termina a sentença encarando Daniel. Túlio segura o braço do pai, que baixa os olhos completamente vencido.)

DELEGADO

– Infelizmente, Dona Marieta, sua filha não é tão exemplar como a senhora quer me fazer acreditar. Nós já estamos observando esses dois há bastante tempo e eles só não foram presos antes porque tínhamos a esperança de conseguir pegar os peixes maiores.

MARIETA

(espantada)

– Como assim?!

DELEGADO

(olhando ora para Daniel, ora para Marieta)

– Há mais de seis meses sua filha e o namorado estão distribuindo drogas no colégio onde estudam. Nós conseguimos identificar apenas um dos traficantes, mas existe uma gang bem maior por trás desse esquema.

(Marieta se levanta e caminha lentamente até chegar atrás da poltrona onde estava. Sua expressão é de horror e completa incredulidade.)

DANIEL

– Tráfico?!

DELEGADO

(há ironia na pergunta)

– Exatamente. O senhor não sabia?

DANIEL

(encarando o Delegado duramente)

– Não. Claro que não. Eu sabia do uso e nós estávamos tentando recuperá-lo. Ele inclusive já esteve internado duas vezes para tratamento, mas recaiu nas duas...

MARIETA

(interrompe Daniel e começa a sentença falando para si mesma, olhando para o teto e para os móveis. Depois, encara cada um dos presentes, como se estivesse querendo convencer aquelas pessoas de que o que dizia era verdade)

– Drogas?! Não, não é possível. Deve haver algum engano. A Renata nunca mexeu com drogas na vida. Eu acabei de dizer que ela nunca perdeu um dia de aula. Não! A Renata não. Se ela estivesse mexendo com drogas eu saberia. Seu comportamento sempre foi normal, normal, entende? Nunca levou uma suspensão, sequer uma advertência. Sempre foi elogiada pelos professores, pelos amigos. Não é agressiva. Nunca foi... Isso não pode ser verdade. Deve haver algum engano.

(Os policiais se entreolham e há um brevíssimo silêncio.)

DELEGADO

(ele continua com o mesmo tom de imparcialidade)

– Lamento que a senhora nunca tenha percebido nada. Mas temos provas mais do que suficientes de que sua filha faz tráfico e pequenos furtos junto com o namorado para conseguir a droga para seu próprio uso. Inclusive...

D. SÍLVIA

(interrompe o Delegado e levanta-se falando enquanto caminha na direção da porta que dá acesso ao interior da casa.)

– Então é isso!!!

MARIETA

(horrorizada com a possibilidade de revelações piores)

– Isso o quê?

D. SÍLVIA

(para antes de sair de cena e encara a filha. Dá um suspiro curto e profundo, como se quisesse tomar fôlego para o que vai dizer)

– A Renata anda roubando as nossas jóias...

MARIETA

(quase gritando)

– O quê? Não é possível!

D. SÍLVIA

(enquanto fala aproxima-se da filha)

– É possível sim. Ela foi cuidadosa o suficiente para só pegar as jóias que você quase não usa e por isso você não deve ter dado falta de nada. Mas eu a vi pegar um dos meus colares. Não falei nada na hora porque pensei que ela o queria usar e estava com vergonha de pedir. Mas depois de uns dias, como ela não devolveu comecei a desconfiar e fui olhar no meu porta-jóias. Várias, várias delas já tinham sumido. Procurei no quarto dela e nada. Mas então reparei que ela mesma não tem mais nenhuma jóia. Fiquei observando para ver onde isso ia dar...

MARIETA

(exasperada)

– Não acredito, mamãe, não acredito. E a senhora não me fala nada??!

D. SÍLVIA

(aproxima-se mais da filha e fala em tom indignado)

– Te contar? Te contar? Como te contar alguma coisa? Você nunca está em casa e se está fica trancada no escritório. À chave! E mesmo que eu conseguisse te contar você não me daria ouvidos. Você nunca admitiu que eu falasse nada a respeito da Renata. Nunca deixou que eu interferisse. Nunca quis que eu *me metesse* como você diz.

(Marieta abre a boca, como se fosse responder, mas cala-se, passa pela mãe e entra caminhando bruscamente no interior da casa. Enquanto D. Sílvia volta para o centro da sala, começam a ser ouvidos barulhos de gavetas e coisas sendo reviradas no chão. Daniel se levanta e faz menção de ir atrás da mulher que ele sabe que está sofrendo, mas D. Sílvia se põe em sua frente e Túlio o faz sentar-se novamente. Os policiais se entreolham com ar de enfado.)

AGENTE

(quase sussurando para o outro policial)

– Lá vem histeria...

DELEGADO

– Fica quieto.

D. SÍLVIA

(encarando Daniel)

– Deixe. Nunca é tarde para se descobrir a verdade.

TÚLIO

(primeiro para o pai e depois para D. Sílvia)

– Papai, é melhor deixá-la sozinha. Nós dois sabemos que a *verdade* que ela está descobrindo agora é muito dura.

DANIEL

(fala com a voz comovida e o olhar perdido)

– Sozinha... Será que é melhor mesmo deixá-la sozinha?

(A CORTINA SE FECHA, FIM DO PRIMEIRO ATO.)

SEGUNDO ATO

A cortina de abre e encontra Marieta, sozinha na sala, sentada, lendo e bebendo, exatamente do mesmo jeito e no mesmo lugar que estava no início do primeiro ato. Só mudaram a roupa e a revista. A iluminação e o mobiliário também não sofrem qualquer modificação em relação ao primeiro ato, exceto pelo desaparecimento da cesta/sacola de linhas de D. Sílvia. Esse detalhe é importante porque a personagem em questão sofreu uma modificação profunda nas atitudes entre o primeiro e o segundo ato – como se verá a seguir – e agora não fica mais em casa bordando ou tricotando pacientemente enquanto o seu mundo desmorona lentamente diante dos olhos. É importante ressaltar que não há uma quebra na linha psicológica – que se traduz pela manutenção do estilo de se vestir e caminhar – porque seus gestos e comentários do primeiro ato já demonstravam uma indignação diante da educação que a filha dava à neta e uma disposição para lutar pelo que acreditava. Só que antes ficava evidenciado que ela havia se conformado à imposição de Marieta em não interferir de fato na vida da Renata e, a partir desse Ato, fica claro que ela já não se submete mais à essa injunção da filha e assumiu a sua parcela de responsabilidade na recuperação da neta.

Todos os personagens trocaram de roupa, mas nenhum deles modificou o “estilo de se vestir”. A troca de roupa irá evidenciar a passagem de tempo – dois anos.

Alguns segundos depois que a cortina é descerrada, a porta da rua se abre, e D. Sílvia entra acompanhada de Daniel e Túlio. Marieta olha para o trio surpresa e se levanta, tomando o cuidado de beber rapidamente mais um gole.

MARIETA

(levantando-se com o copo na mão)

– O que significa isso, mamãe?

D. SÍLVIA

(enquanto entra e faz um gesto para que os dois a sigam e sentem-se)

– O Túlio e o Daniel querem conversar com você.

MARIETA

– Conversar? Conversar sobre o quê? Não temos nada o que conversar.

DANIEL

(sentando-se)

– Dona Marieta, nós precisamos falar a respeito de sua filha.

MARIETA

(deixa o copo e se encaminha para a mãe que permanece de pé)

– Ah!, não. De novo? Será que nesses dois anos vocês ainda não perceberam que esse assunto não me interessa?

TÚLIO

– Dona Marieta, apenas ouça o que meu pai tem a dizer. É muito importante.

MARIETA

– Muito importante? Muito importante? Eu vou lhe dizer o que é muito importante. Está vendo aquela revista ali? Estou escrevendo uma crítica que tem que ser entregue na minha revista amanhã cedo. Isso é muito importante. Pagar contas é muito importante. Continuar minha vida normal é muito importante. Eu não posso me dar ao luxo de perder tempo com as bobagens da Renata.

DANIEL

– Dona Marieta, faltam somente dois meses para a Renata sair da internação e ela está insegura em relação ao que vai encontrar aqui fora...

MARIETA

– Ah!, ela está insegura?... Mas quando começou a usar drogas estava bem segura de si, não é mesmo? Quando começou a roubar as jóias da família também estava bem segura. E quando roubou aquele carro? Será que ela estava *insegura* quando roubou aquele carro? Vocês são testemunha de que eu dei para a Renata todo o apoio que ela merecia. Paguei advogados absurdamente caros e não foi fácil livrá-la da acusação de tráfico. Tive que trabalhar o dobro, o triplo do que conseguia para tirá-la da cadeia. Depois vieram os tratamentos caríssimos em clínicas. A cada saída de uma clínica ela fazia promessas e mais promessas de que se manteria longe de confusões. Eu acreditava – (irônica) nós acreditávamos, não é mamãe? – e o que acontecia então? Ela voltava a fazer tudo igual, igualzinho. Agora ela não é mais menor de idade. Que vá cuidar da vida dela!

D. SÍLVIA

– Mas o tratamento que ela está fazendo agora é diferente!

MARIETA

– Diferente?! Diferente de quê? Diferente de qual? Diferente do primeiro, diferente do segundo ou diferente do terceiro? Diferente de qual? Eu vou te dizer, mamãe, nada é diferente! Tão logo ela puser os pés nessa casa começará de novo a roubar, a mentir e a usar drogas. Aliás, por que é que eu estou perdendo o meu tempo com vocês? (volta-lhes as costas e pega a revista, o bloco de notas e o copo, fazendo menção de sair da sala). Não devo satisfações a vocês a respeito de nada. Nenhum de vocês paga as contas dessa casa e a Renata não é problema de vocês...

DANIEL

(levanta-se)

– Aí é que a senhora se engana. A Renata é problema nosso sim!

MARIETA

(volta-se irônica)

– Jura?!

TÚLIO

(também de pé)

– Dona Marieta, o que meu pai está querendo dizer é que os viciados fazem parte de uma “rede” e quando um deles recai, retira o ânimo dos outros para continuar fora do que a senhora chama de “confusões”.

MARIETA

(recoloca os pertences na mesa e se aproxima dos dois)

– Ah!, claro, vocês estão preocupados com o Geraldo...

DANIEL

– Com o Geraldo, com a Bruna e com todos os outros amigos deles que estão tentando sair desse barco. Não é fácil sair desse mundo. Não é somente o traficante que faz muito esforço para evitar que um deles se recupere, mas aqueles que permanecem nas drogas não dão apoio para os *amigos* que querem pular fora. Dona Marieta, tente entender uma coisa: uma *turma* que usa drogas se comporta quase como uma família. Eles se espelham uns nos outros. Eles se unem e retiram dessa relação o *apoio* de que acreditam precisar para lidar com seus problemas. E isso acontece em qualquer grupo, seja ele de drogados ou não. O problema é que em um grupo de viciados, os jovens têm uma visão negativa do mundo. Eles não se juntam para *criar* algo novo, mas para se defender de alguma coisa. A droga é seu escudo contra as dores...

MARIETA

(exasperada)

– Dores?! Que dores? A Renata sempre teve tudo o que quis. Nunca passou nenhum tipo de necessidade. As melhores escolas, as roupas de griffe, tudo, tudo que sempre quis. Não me venha falar em dores. Se ela tivesse, algum dia na vida dela, passado fome ou ficado sem ter onde morar... se em algum dia da vida ela tivesse realmente desejado alguma coisa que eu não pudesse dar... mas não. Sempre que ela queria alguma coisa eu dava um jeito de conseguir...

TÚLIO

(interrompendo)

– Não estamos falando de coisas materiais, Dona Marieta. O Geraldo também sempre teve tudo o que quis. Ele é o filho caçula, de todos nós lá de casa sempre foi o que teve melhores colégios e tudo mais. Estamos falando de emoções, estamos falando de sentimentos...

DANIEL

(passa na frente do filho)

– Deixa eu tentar explicar novamente. D. Marieta, essa geração, a geração que nasceu nos anos 80 é uma geração *desesperançada*. Que tipo de mundo ela encontrou? Na nossa geração tudo era possível, tudo era *conquistável*. Queríamos ir a lua e fomos. Acreditávamos que poderíamos derrubar o sistema e fomos à luta. Pensávamos que bastava cantar para gerar um mundo de paz e amor e entregávamos flores na rua. Mas nada disso deu certo. Logo começamos a ver que os sonhos precisavam de uma base mais concreta, menos ilusória. Depois vieram

as crises, as sucessivas crises que retiram empregos e mostraram para a geração futura – essa geração a qual pertencem o Geraldo, a Renata e a Bruna – que nada é cor-de-rosa. Nossos sonhos se transformaram em desilusões e nossos filhos herdaram essa desilusão. Nosso mundo de paz e amor se transformou em um mundo de lutas e competições e nos sentimos fracos diante dos cacos de nossos sonhos. E foi isso que deixamos de herança para nossos filhos: essa tensão, essa angústia e a falta de fé em sonhos e esperanças...

MARIETA

(desiludida)

– Mas meu Deus!, eu nunca disse para a Renata que ela não poderia sonhar e desejar alguma coisa. Muito pelo contrário! Acabei de dizer que quando ela queria alguma coisa eu dava...

DANIEL

– Isso! *A senhora dava*. Esse também foi o meu erro. Ao dar ao Geraldo *tudo* o que ele queria eu estava de fato dizendo a ele que *eu* podia tudo e que ele só precisava querer e me pedir. Que não precisava lutar por nada, porque realmente não iria adiantar lutar por nada...

MARIETA

– Você está me dizendo que porque criei minha filha com conforto e com tudo do bom e do melhor fiz com que ela usasse drogas?! Daqui a pouco você vai me dizer que eu a induzi a isso! Que eu sou a *culpada*. Tenha paciência...

D. SÍLVIA

(adianta-se, pega a filha pelo braço e a faz sentar energicamente)

– Chega, Marieta! Procure ouvir o que nós estamos dizendo.

DANIEL

(sentando-se junto com o filho de frente para as mulheres)

– Calma, D. Sílvia. Marieta, não estou dizendo que você é a culpada, simplesmente porque esse não é um caso de culpa ou desculpa. Estou lhe colocando um quadro social e psicológico. Eu também pensava que se tudo estivesse bem dentro da minha casa, pouco importava o que acontecia na casa do vizinho ou, pior, na casa dos amigos do meu filho. Não é assim. Não é assim. Não somos núcleos estanques, nossas famílias não são *feudos* fechados. O meu problema, o seu problema, o problema do vizinho é problema de todo mundo, porque em algum momento estaremos nos relacionando e trocando entre nós os *nossos problemas*. O sentimento da desesperança e da falta de fé que nos aflige é muito maior do que todos nós isoladamente. Se nós não conseguirmos resgatar nessas crianças a fé no futuro, uma fé que também nós perdemos em algum momento de nossas vidas, nada poderá ser feito e tudo vai piorar cada vez mais. Ok, tudo bem. Vamos supor que o Geraldo e a Renata – e também a Bruna – realmente tenham conseguido se recuperar da dependência química e estejam livres das drogas. Mas se o filho do cara do apartamento ao lado não se recuperar, qualquer um de nós pode sofrer as conseqüências. Quem a senhora pensa que está nesse momento parado em uma esquina esperando um carro parar no sinal para o assaltar? Quem é o

seqüestrador sem rosto que pode pegar qualquer um de nós na saída de um banco? Eu vou lhe dizer. É um filho: um filho ou uma filha de alguém. Um filho ou uma filha de alguém que não necessariamente passou por dificuldades *financeiras*, que não necessariamente passou fome ou teve um pai que despedaçasse seus sonhos. Pode até ser que seja um jovem *carente* que tenha vindo de uma família violenta, mas isso não é obrigatório. E esse jovem pode invadir a sua ou a minha casa amanhã, pode roubar ou seqüestrar a sua mãe ou um de meus filhos, ou coisa pior...

MARIETA

(encosta-se no sofá, já meio vencida. Sua expressão é de total desalento e a mãe segura sua mão)

– E você quer que eu me preocupe com o filho do vizinho se não estou dando conta nem da *minha* filha! Como seu eu não tivesse já problemas demais... Como se eu já não tivesse os *meus* problemas!

D. SÍLVIA

– Marieta, o que o Daniel está dizendo é que esse não é um problema *seu*, mas nosso. Meu, seu, dele, do vizinho, de todos nós.

MARIETA

(voz chorosa)

– Eu não consigo entender, não consigo entender...

TÚLIO

– Não é mesmo muito fácil entender isso. Mas a senhora não está sozinha. O que nós aprendemos em todo esse processo é que quando a gente se organiza para tentar recuperar os nossos próprios parentes, e os amigos desses parentes, formamos um grupo que pode ganhar algumas batalhas, mas que também vai perder outras tantas. Se formos olhar para os traficantes como um grupo organizado, teremos uma imagem perfeita. Eles estão do outro lado, como em um espelho. Quando nós ganhamos, eles perdem. Quando nós perdemos, eles ganham. O problema é que eles ainda são muito mais organizados do que nós, mas já estamos conseguindo ganhar muitas batalhas.

MARIETA

– Eu não tenho mais esperança na Renata...

DANIEL

(apóia sua mão na outra mão de Marieta. A voz suaviza um pouco, pois sente que a mulher está sendo vencida em seus argumentos.)

– Mas tem que ter! Ela é sua filha e vai continuar sendo seja do jeito que for. O que a senhora está sentido é normal, muito mais normal do que poderia imaginar. A senhora pensa que eu também não passei por essa revolta? Que eu também não quis desistir do Geraldo? Também não foi nada fácil conseguir fazê-lo cooperar com a Justiça para se livrar da acusação de tráfico. Ele teve que entregar os *amigos*. E ainda assim está lá, preso naquela cadeia, cumprindo pena. Mas vai sair

um dia. E quando ele sair eu quero estar preparado para recebê-lo. Todo mundo tem direito a uma segunda chance...

MARIETA

(liberta suas mãos, mas permanece sentada)

– O problema é que já dei chances demais para a Renata...

DANIEL

– O que são chances demais? Existe realmente algum limite para se dar chances a um filho? Se nem a Justiça condenou meu filho à prisão perpétua, porque eu o condenaria?

D. SÍLVIA

(a voz fica meio embargada, mas não chega a chorar.)

– Filha, eu sou testemunha da educação que você deu para a Renata e posso dizer que participei de tudo isso de alguma forma. Como disse o Daniel, não é uma questão de culpa e sim de responsabilidade. Eu me sinto tão responsável quanto você, porque, no final das contas, fui eu quem eduquei e criei você. Seu pai vivia viajando e era eu quem estava em casa enquanto você crescia. Fui eu quem a acolheu quando seu marido morreu antes mesmo da Renata nascer. Era eu quem estava contigo na hora que ela nasceu e me lembro desse dia como se fosse ontem... assim como me lembro exatamente do dia em que você nasceu. Me sinto tão responsável quanto você ou mais, porque me sinto responsável pelas duas...

MARIETA

– O que a senhora quer que eu faça? O que que eu posso fazer? Eu sou uma mulher prática, objetiva. Vocês me falam da *geração desesperança*, de sonhos perdidos e tudo mais, mas não consigo enxergar nada disso e muito menos vejo uma maneira de lidar com a Renata. (Volta-se para Daniel) Em termos práticos, você me entende?

TÚLIO

– Dona Marieta, a primeira coisa *prática* que a senhora precisa fazer é ver que não está sozinha. Nós viemos aqui exatamente para lhe mostrar isso.

DANIEL

– Em termos práticos, Marieta, eu sugiro que você comece a participar conosco das reuniões de grupo. Ali, no meio de toda aquela gente, você verá que, na *prática*, ainda estamos tentando descobrir como ser práticos. Estamos bastante atrasados em termos de organização de social se formos nos comparar à organização dos traficantes, mas se insistirmos, se não desistirmos dos nossos dependentes vamos conseguir deixar para o futuro alguma coisa realmente estruturada...

MARIETA

– Minha mãe já tentou me levar para essas reuniões, mas não consigo acreditar que um bando de pessoas sentadas em uma sala todas as semanas, choramingando seus problemas, consiga realmente mudar alguma coisa...

DANIEL

– Mas muda. Isso eu lhe garanto. Existem várias formas de se atacar esse problema. Essa é apenas uma. E por ser a que nós conhecemos é a que estamos lhe oferecendo. Na *prática*, tanto faz que você esteja compartilhando seus problemas com um grupo de uma instituição oficial, médica, religiosa ou apenas socialmente organizada. Tanto faz. As palavras-chave aqui são compartilhar e organizar. A força dos traficantes está exatamente em estarem organizados em grupos coesos. Devemos essa lição a eles: se nos organizarmos *socialmente*, teremos força para combatê-los. E, como eu já disse, algumas batalhas iremos vencer, outras, perder. Mas estamos tentando, e *isso* é que realmente faz diferença...

D. SÍLVIA

(conforme ela for falando, Marieta vai realmente se emocionando e chega às lágrimas. É importante ressaltar que ela está no limite se sua suportaçã e, por esse motivo, “desmonta” diante de estranhos.)

– Filha, eu sei que para você é difícil acreditar que se estivermos falando dos nossos problemas com alguém podemos conseguir enxergar soluções diferentes para eles. Eu sei que você é assim porque foi assim que eu te criei. Eu te criei para dar conta dos seus problemas sozinha, para contar primeiro com você, sempre com você e com mais ninguém. A vida toda eu te ensinei que o melhor conselheiro sempre seria o seu próprio travesseiro porque ele era o único que estaria do seu lado quando ninguém mais estivesse. Somente o seu travesseiro seria capaz de te ajudar, porque ele é o único que realmente conhece sua consciência, seus sonhos e suas dores, não era assim que eu dizia? Não era assim que eu falava? Eu falava assim porque era nisso que eu acreditava. Eu estava sempre sozinha para decidir tudo. Seu pai nunca estava por perto. E mesmo que estivesse, ainda seria assim que eu falaria, porque foi assim que eu fui criada por minha mãe, que também deve ter sido criada assim por sua própria mãe. Em algum momento dessa maldita família alguém deve ter sido traído ou enganado por alguém, ou ficou tão sozinho que passou a acreditar que não poderia contar com mais ninguém. Essa é a nossa herança, o nosso orgulho! Somos fortes! Essa é uma família de mulheres fortes! Por isso você ficou tão decepcionada com a Renata. Eu também fiquei. Como ela podia renegar a força da própria família? Como ela podia se dar ao luxo de ser tão fraca? Mas ela foi! Ela foi fraca o suficiente para se deixar viciar e fazer um monte de bobagens por causa desse vício. Mas depois que eu a vi atrás daquelas grades, logo depois da prisão pelo roubo do carro, eu percebi que aquela *fraca* que estava ali diante dos meus olhos era minha neta. Aquela *idiota* que havia acabado de roubar um carro, era minha neta e nada conseguiria mudar isso.

(Faz uma brevíssima pausa para secar as lágrimas que caem em silêncio do rosto da filha.)

D. SÍLVIA

Mas talvez... talvez, no entanto, ela seja mais forte que nós duas juntas e nem ao menos saiba disso. Porque, de nós três, ela foi a única que teve realmente coragem de não esconder seus pesadelos debaixo do travesseiro. Mesmo sem saber o que estava fazendo, o que ela realmente estava fazendo era expor para todo mundo toda dor que estava sentindo. E eu descobri que é preciso ser forte para mostrar suas fraquezas. E foi isso que ela fez. Ela ainda não sabe que foi o que fez, mas fez. E cabe a nós mostrar a ela que se ela teve forças suficientes para expor a si mesma

e a todos nós a sua fragilidade, também terá forças para conseguir lidar com essa fragilidade, para lidar com suas dores, suas decepções, suas desilusões e sua falta de fé no futuro e em si mesma.

DANIEL

– Marieta, o que sua mãe está dizendo está correto. E é isso que nós aprendemos quando nos unimos. E aprendemos também que nosso amor pelo dependente e a vontade de resgatar toda uma dignidade social têm que ser mais fortes que a ganância e a astúcia dos traficantes.

D. SÍLVIA

– Marieta, lá existem psicólogos, assistentes sociais e pessoas com experiência que estão me mostrando um lado da questão que eu não conhecia. Mas olha, se você não quiser freqüentar esse grupo em especial, nós podemos encontrar outro. Eu estou apenas lhe pedindo que tente. Que venha conosco dar uma olhada. Depois você decide. O que você não pode fazer é desistir, isso não! Nunca foi do seu temperamento desistir de nada. Não foi assim que te criei. Te criei para ser forte e é essa força que você vai ter que usar para encarar de frente o fato de que nós duas sozinhas não estamos conseguindo nada de produtivo na recuperação da Renata. Temos que ser fortes para sabermos que somos fracas se estivermos sozinhas. E temos que ter fé nessa força, porque só ela vai nos levar a algum lugar. Marieta, todos nós deixamos nossos demônios escorrer com nossas lágrimas para debaixo do travesseiro. Mas nossos sonhos e esperanças estão descansando sobre esse mesmo travesseiro todas as noites e está na hora de resgatá-los para conseguir salvar sua filha.

MARIETA

(em lágrimas, abraçando a mãe)

– Eu vou pensar, eu juro que vou pensar...

(A CORTINA SE FECHA - FIM DO SEGUNDO ATO.)

TERCEIRO ATO

A cortina se abre e encontra D. Sílvia sozinha, sentada no sofá, lendo um livro de psicologia. Há apenas duas modificações no cenário: a primeira diz respeito ao sumiço da garrafa e do bloco de notas; a segunda é na iluminação, que agora reproduz um dia claro em andamento. Como se verá a seguir, essas duas mudanças sutis estarão representando uma modificação também sutil e, no entanto, profunda na estrutura desta família.

Em relação à personagem, além da natural troca de roupas entre um ato e outro, também deverá haver alguma modificação na maquiagem, caracterizando-a como ligeiramente mais velha do que no ato anterior. Em verdade, o texto fará referência à passagem de mais dois anos entre um ato e outro e, no total, a personagem terá envelhecido quatro anos entre o início da peça e o final.

Tão logo a cortina se abre, a campainha toca, D. Sílvia abandona o livro no sofá e encaminha-se para a porta. O personagem que chega é Geraldo, um jovem de 23 anos vestido de camiseta, tênis e calça jeans, que traz um livro nas mãos. Tem uma atitude ao mesmo tempo respeitosa e constrangida diante da velha senhora.

D. SÍLVIA

(com alegria e entusiasmo)

– Ah! Geraldo, como vai?

GERALDO

(respeitoso)

– Bem, e a Senhora?

D. SÍLVIA

– Bem, também, meu filho. Bem também. Vamos entrar?

GERALDO

– Não, eu não vim incomodar.

D. SÍLVIA

(pega-o pelo braço e o faz entrar.)

– Você não incomoda. Eu estava lendo, mas a vista já está pedindo um descanso.

GERALDO

– É que meu pai pediu para eu trazer este livro para a senhora...

D. SÍLVIA

– Ah! Claro! Sente-se. (pega o livro e olha a capa) Eu estava ansiosa por ler este livro. É um livro de psicologia.

GERALDO

(brincalhão, mas deixando transparecer certo constrangimento)

– Vocês três vão acabar se diplomando...

D. SÍLVIA

(também em tom brincalhão)

– Sabe que não é uma má idéia? Eu já pensei mesmo em me matricular em um curso. Já pensou, a vovó *saidinha* aqui disputando carteiras com essa menina?

GERALDO

– Ia ser o máximo! (voltando um pouco à seriedade e olhando ao redor) Dona Marieta não está?

D. SÍLVIA

– Não, ela está envolvida na organização de uma palestra para o seminário antidrogas...

GERALDO

(reflexivo)

– Dona Marieta mudou muito. Antes nem admitia falar sobre o assunto. Agora...

D. SÍLVIA

– Todos nós mudamos. A prisão de vocês foi um duro golpe na nossa estrutura. Mas o suicídio da Bruna mexeu profundamente com a Marieta. Não foi nada fácil ver aquele rostinho que cresceu diante de nossos olhos estendido ali naquele caixão. (a voz embarga um pouco). Nós ficamos dias e dias tentando entender o porquê e não havia *porque* para entender... A Marieta se sentou ali naquela cadeira e ficava horas bebendo e falando das meninas quando ainda eram crianças. Lembrando de cada brincadeira, cada passeio que dava com elas... (faz uma breve pausa, suspira e recobra um tom de tranquilidade) Mas o efeito positivo – se é que se pode dizer que uma coisa dessas tem um efeito positivo – foi que ela percebeu um dia que podia não ter sido a Bruna, mas a Renata. Eu não sei te dizer exatamente o que aconteceu na mente da minha filha, mas quando ela se deu conta disso, de alguma maneira um alarme muito forte tocou e ela mudou. Mudou mesmo. Começou a fazer terapia, a freqüentar e a participar das reuniões, a ler sobre dependência química e chegou a escrever sobre isso para a revista algumas vezes. Se engajou com seu pai na organização do grupo e disso tudo nasceu o livro. Agora... bem, agora é o que você está vendo! Parou de beber, está muito mais comunicativa e só fica trancada no escritório o tempo suficiente para escrever seus artigos. (brincalhona e maliciosa) De resto, é mais fácil encontrá-la na sua casa do que na minha!

GERALDO

(também malicioso)

– É, eles não desgrudam! E a Renata, a senhora tem notícias?

D. SÍLVIA

– Claro! Falamos ainda ontem. Ela está bem. Se dedicando ao curso e ainda arrumou tempo para um emprego de meio período na loja da minha sobrinha.

GERALDO

– Ela está morando com a sua sobrinha?

D. SÍLVIA

– Não, ela mora com a minha irmã. No princípio fui contra ela sair daqui e ir para uma cidade que só conhecia de passar férias. Ficava pensando se não estaria querendo fugir de seus problemas – o que nós dois sabemos que não adianta nada. Mudar de cidade não muda a alma de ninguém e se ela não estivesse realmente convicta de que deveria se manter afastada das drogas, a mudança geográfica não iria ajudar em nada.

GERALDO

(sério)

– É verdade. Os pais do Ricardo acreditaram que a mudança de cidade poderia mantê-lo longe de confusão, mas não adiantou nada. A gente sempre acha droga onde quer que vá. É só procurar... (se emenda rápido) se quiser, claro!

D. SÍLVIA

– É... infelizmente algumas pessoas ainda acham que o problema está apenas *na turma* e que se o dependente *mudar de turma*, vai mudar de hábitos. Eu também pensei assim um dia e tenho que te confessar que achava que o problema da Renata era responsabilidade sua. Mas, na verdade, a ordem é inversa: o dependente tem que mudar de hábitos primeiro, para depois mudar de turma! E esse foi o caso da Renata. Quando a Bruna morreu, ela também percebeu o que estava perdendo: a própria vida! Quando ela apareceu com a idéia de ir para a casa da minha irmã, eu tinha muitas dúvidas. Fiquei noites e noites pensando que se ela estivesse longe dos nossos olhos poderia entrar mais fundo ainda nas drogas, porque – você sabe – a minha irmã não tem nenhuma experiência direta com isso, e seria muito fácil enganá-la. Mas quando ela meteu a cara nos livros, foi lá, fez o vestibular e passou, comecei a acreditar que tinha realmente mudado. Nos últimos anos, depois da prisão de vocês, ela nunca mais havia pego em um único livro...

GERALDO

– Eu sei. Ela teve que terminar o segundo grau por supletivo.

D. SÍLVIA

– Para você ver. Uma menina que sempre estudou nos melhores colégios e chegou à segunda série do segundo grau sem uma única reprovação, teve que fazer o supletivo para terminar os estudos. Mas agora está tudo bem e a minha irmã a tem acompanhado de perto. Também, ao contrário do que eu imaginava, a Sandra acabou se informando melhor sobre o problema e chegou até a me mandar alguns livros, acredita?! E a Sueli – minha outra irmã – está freqüentando um grupo no interior de São Paulo.

GERALDO

– Mas tem mais alguém na família envolvido com drogas?!

D. SÍLVIA

– Não! Só a Renata. (baixa a voz e aproxima-se mais, como se fosse fazer uma revelação sigilosa) Verdade seja dita: a Sueli, tanto quanto a Marieta, exagerava bastante no *copo*. A vida toda! E parece que um neto dela também estava indo pelo mesmo caminho... Mas esse morreu em um acidente de carro na mesma época que a Renata saiu da prisão. Não se sabe se ele estava bêbado, mas de qualquer forma foi muito triste... (faz-se um brevíssimo silêncio e os personagens caem em reflexões pessoais)

GERALDO

(fala como se tivesse acordado subitamente)

– Parece que nossa história mexeu com todo mundo...

D. SÍLVIA

– De uma maneira ou de outra, sabe Deus como! Na sua casa você viu bem o que aconteceu; e por aqui a família toda começou a acordar para o problema da dependência química... Mesmo quem mora longe se envolveu de alguma forma. Logo nós, que éramos tão ciosas de nossa *vida privada*, agora estamos todas discutindo abertamente nossos problemas umas com as outras. E os resultados têm sido interessantes... Mas eu fico aqui falando da gente e não perguntei de você, como você está?

GERALDO

(entristecendo a fisionomia)

– D. Sílvia, acho que não preciso mentir para a senhora. Não tem sido nada fácil. Claro que estou conseguindo me manter longe da coca – meu pai, meus irmãos e o grupo têm me ajudado bastante –, mas tem momentos em que minha vida parece que nunca mais vai entrar nos eixos novamente...

D. SÍLVIA

– Entendo. Você não está conseguindo arrumar emprego, seu pai me contou.

GERALDO

– Até consigo, mas quando as pessoas sabem que eu passei quatro anos da minha vida preso, não querem nem olhar de novo para minha cara. E o mais revoltante é que nem escutam direito os motivos que me levaram para a prisão. Para *eles* condenado é condenado e todo mundo me olha como um ser perigoso: se eu tivesse sido preso por assassinato e não por furto e uso de drogas teria o mesmo efeito. Sempre me olham com desconfiança. Eu também já pensei em sair da cidade, mas no meu caso acho que não ia adiantar em nada... Acho que eu já destruí a minha vida.

D. SÍLVIA

– Destruíu nada! Você está fazendo faculdade, não está?

GERALDO

– É, pelo menos isso está valendo a pena. Lá dentro os professores não perguntam de onde eu vim e nem estão interessados em saber a minha história. Sou um aluno comum, como outro qualquer...

D. SÍLVIA

– Nem tanto, seu pai me disse que você está se saindo muito bem no curso.

GERALDO

– É porque eu gosto do que estou fazendo. Mas me incomoda não poder me sustentar...

D. SÍLVIA

(compassiva, pega sua mão num gesto maternal)

– Tenha paciência, meu filho. Com o tempo as coisas se ajeitam. Veja bem: quantos anos você levou para *destruir* a sua vida, como você mesmo diz? Com quantos anos você começou a usar drogas?

GERALDO

– Nossa, parece que foi há tanto tempo. Eu estava com 13 ou 14 anos, acho. Comecei fumando, como todo mundo. Mas a barra mais pesada só pintou depois dos 16.

D. SÍLVIA

– Então. Se você está agora com 22...

GERALDO

– 23.

D. SÍLVIA

– Isso, 23. Se você está agora com 23, você levou no mínimo oito anos para pôr tudo a baixo. E agora está querendo que tudo se conserte em dois ou três anos? Veja, minha mãe era uma mulher da terra, criada em fazenda e sempre usava uma metáfora bastante conhecida toda vez que uma de nós estava impaciente por alguma coisa. Ela dizia: filha, você está plantando uma semente nova, em um terreno que foi recentemente adubado. Se ficar cavoucando a terra todo dia para ver se a semente brotou, ela não vai brotar nunca! Isso vale para você.

GERALDO

(desanimado)

– Eu entendo o que ela queria dizer, mas tenho que confessar que é difícil ter essa paciência toda quando a gente sabe que mudou e as pessoas não acreditam.

S. SÍLVIA

– Veja bem, meu filho, você ainda não mudou tudo o que tinha que mudar. Ainda está deixando o desânimo pegar você, o que é muito perigoso. E você sabe disso! (Faz um gesto rápido e pega o livro que estava lendo e que está a seu lado no sofá) Neste livro que eu estava lendo, o autor diz que o dependente tem uma estrutura psicológica muito própria – como todo mundo – e que para desmontar realmente essa estrutura são necessários anos, talvez tantos anos quantos ele levou para

montá-la. Talvez você consiga sair disso mais rápido do que os oito ou dez anos que levou para chegar no fundo do poço. Talvez internamente já tenha mudado o suficiente para se abrir a uma nova vida e falte apenas uma ou outra coisinha para pôr no lugar. Mas essa vida precisa brotar com calma na sociedade. A verdade é que a sociedade precisa que você *prove* que mudou. E ela não se contenta com palavras, mas com atos, com gestos repetidos ao longo dos anos. E sempre vai haver um *engraçadinho* te olhando com desconfiança no futuro. Mas quanto mais o tempo for passando, quanto mais distante no tempo forem ficando seus gestos impensados – quanto mais sua atitude perante a vida for se tornando positiva, consistente e coerente – maiores serão as chances que se abrirão diante de você, maior o número de pessoas que estarão dispostas a te defender dos preconceitos e a te dar oportunidades...

GERALDO

– Eu sei. Mas é difícil lembrar disso toda vez que eu vejo alguém menos qualificado do que eu pegar uma vaga que era minha apenas porque o chefe ou a secretária tem medo de que eu vá trabalhar drogado e roube alguma coisa...

D. SÍLVIA

– Você precisa ser mais forte do que o preconceito, meu filho. E eu estou te dizendo isso não apenas para te animar ou porque gosto de você. Mas porque eu já vivi muito, muito mais do que você. Eu poderia ser sua avó! Já vi muita gente mudar tanto em uma década que se torna irreconhecível para a própria família e para os amigos. Não vê o caso da Marília? Quando a gente muda as nossas atitudes, as pessoas também acabam mudado suas atitudes diante de nós. Essas pessoas que estão barrando o seu caminho não te conhecem, não convivem ou conviveram com você. O que elas fazem ou deixam de fazer não pode ter todo esse peso sobre você!

GERALDO

– Isso é que é o pior: elas não me conhecem e estão me julgando pelo meu passado! Enquanto isso, conheço caras que ainda estão na *ativa* e que já conseguiram empregos indicados por pais ou parentes. E o Marcelo, a senhora lembra dele?, até casou e já tem uma filhinha!

D. SÍLVIA

– Mas é sempre assim no começo: as dificuldades são sempre maiores para quem resolve encarar de frente um problema e não se esconde atrás de uma máscara, fazendo de conta que nada acontece de fato. Veja, o tempo vai passar e daqui a pouco você vai se formar e ninguém mais irá se lembrar dos anos que passou na cadeia. Pelo que seu pai me disse, seu currículo será excelente! Quite com a Justiça, você poderá conseguir bons estágios e empregos. E daqui dez, vinte anos, tudo isso não terá mais a menor importância enquanto fato. Fará apenas parte de sua história e será lembrado como um momento de aprendizado – duro aprendizado, com certeza! – mas algo que se deu no passado. E, como todo aprendizado, se você realmente compreender as lições que a vida lhe trouxe, verá que se transformou em uma pessoa mais real, mais profunda e mais completa do que aquelas que não conseguem enfrentar tudo isso e arcar com as conseqüências de seus atos.

(Ela faz uma pausa de alguns segundos para ver os efeitos do que disse. Nos olhos do rapaz, percebe-se o conflito entre agarrar-se a esperança e desanimar com a realidade. Aos poucos, no entanto, conforme ela continuar falando, seus olhos começarão a se iluminar de fato e, ao final, ele terá uma expressão de gratidão diante dessa amiga.)

GERALDO

– Tem razão...

D. SÍLVIA

(em sua voz há energia e esperança)

– Vamos ver a sua situação por um lado um tanto anarquista: onde você pensa que estarão daqui a dez ou vinte anos os seus amigos que ainda não deixaram de usar drogas por não suportarem o preconceito de serem *ex-viciados* e que tiverem conseguido se esconder por bastante tempo, de um jeito ou de outro, atrás de um pai ou parente? Presos? Mortos? Talvez. Velhos, desacreditados, desiludidos? Talvez você os encontre jogados na rua... Talvez, por azar – dentro dessa lógica *maluca* que eu estou lhe apresentando –, eles nunca sejam *pegos* e você veja mais alguns deles constituindo família e arrumando empregos até melhores que os seus. Mas o que serão esses *homens e mulheres*? Que tipo de pai ou mãe poderá ser alguém que foge para o banheiro a fim de usar drogas toda vez que surge um conflito familiar? Que tipo de profissional é uma pessoa que também foge para o banheiro antes de uma reunião importante ou depois de ter uma discussão profissional? Sei que é bastante subversivo pensar assim, mas o que estou querendo te dizer, o que estou querendo te mostrar, é que quando uma base é ruim, o melhor que se tem a fazer é deixar que ela desmorone completamente – ainda que sobre nossas cabeças! – para depois varrer com paciência todos os entulhos e escombros antes de começar uma coisa nova. Não queira construir algo realmente sólido rápido demais.

(faz uma nova pausa e acaricia o ombro do jovem, que retribui o carinho segurando sua mão. Ele está emocionado e tem um meio sorriso de esperança nos lábios.)

D. SÍLVIA

– Geraldo, meu filho, o tempo vai passar e com ele todas essas dificuldades. Se você conseguir enxergar isso agora, se conseguir perseverar e manter sua esperança, vai descobrir que mesmo a mais escura das noites termina. Uma vez eu disse isso para a Marieta e faço questão de repetir para você (segura o queixo do rapaz suavemente para fazê-lo olhá-la nos olhos): lembre-se que o sol nunca deixa de nascer todos os dias. E a cada manhã ele sempre vem iluminar nossos sonhos mais queridos e nos dar energia para concretizá-los. E que cada manhã sempre traz também a luz que pode dissolver os demônios debaixo do nosso travesseiro. Acredite nisso. Acredite em você.

A CORTINA SE FECHA – FIM.